

O QUE DIZEM OS DESENHOS INFANTIS DE UMA TURMA DE PRÉ-ESCOLA? UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL

Anna Clara Lanza Ferreira¹

Franciane Sousa Ladeira Aires²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o que dizem os desenhos de crianças com idades entre 5 e 6 anos de uma turma da pré-escola de uma instituição federal de Educação Infantil sobre o processo de desenvolvimento infantil. Para tanto, a fundamentação teórica-metodológica será baseada na abordagem histórico-cultural de Lev Vigotski. Essa abordagem enfatiza a importância da interação social e cultural na formação do conhecimento e do pensamento humano, sugerindo que as crianças aprendem a partir de sua interação com outras pessoas e com o ambiente ao seu redor, e que o conhecimento é construído a partir dessas experiências, promovendo assim o desenvolvimento integral das crianças. Com esse viés, a composição metodológica se organizou através de uma pesquisa qualitativa com abordagem histórico-cultural, tendo como instrumento metodológico a observação participante de eventos de produção de desenhos de 15 crianças de uma turma de uma instituição federal de Educação Infantil. A análise dos desenhos infantis, buscou identificar os fatores culturais e históricos que influenciam o desenvolvimento das crianças.

Palavra-chave: Desenho Infantil. Educação Infantil. Desenvolvimento Infantil.

Traçados iniciais

Esta pesquisa busca compreender a relação entre o desenvolvimento infantil e os desenhos produzidos por crianças de uma turma do pré-escolar de uma instituição federal de Educação Infantil, através da perspectiva da Teoria Histórico-Cultural (THC). Sendo a infância uma área abrangente no que se refere às pesquisas, há muitas temáticas a serem estudadas nessa fase do início da vida, dentre elas, os aspectos diversos do desenvolvimento infantil, os quais podem oportunizar à criança ser protagonista de sua própria história.

¹Graduada do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA. E-mail: anna.ferreira@estudante.ufla.br

² Mestra em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Professora da Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: franciane.aires@ufla.br

Posto isso, o desenho infantil pode ser uma atividade desencadeadora desse processo, pois pode revelar significados e sentidos importantes acerca da infância e seu desenvolvimento. Isso porque, conforme a criança se desenvolve no decorrer dos anos de sua infância, ocorre o início do domínio dos movimentos corporais, ingresso na sociedade e no controle de emoções, entre outras habilidades e aspectos. Para Rabello e Passos (2011), a concepção de desenvolvimento está ligada a um contínuo da evolução, em que caminhamos ao longo de todo ciclo vital. Esse desenvolvimento nem sempre é linear, se dá em diversos campos da existência, tais como afetivo, cognitivo, social e motor.

Nesse sentido, o ato de desenhar na infância implica no aperfeiçoamento não só da coordenação motora, mas também da expressão emocional, da criatividade, trazendo elementos coerentes com a realidade que a criança se encontra. Isto porque, ao realizar os traços pode-se obter a chance de analisar a relação intrapessoal e interpessoal das crianças de acordo com as formas que as representam no desenho e como as realizam.

Conforme a teoria histórico-cultural, o ser humano é capaz de adquirir aprendizados através de suas experiências e cultura (REGO, 2011), ou seja, o homem, a mulher e as crianças só se constituem nas interações sociais, e essa afirmação podemos ver refletida nos desenhos infantis.

Dessa forma, o interesse por este estudo partiu de experiências da estudante pesquisadora, durante a formação docente inicial, enquanto estagiária na Educação Infantil, com crianças bem pequenas. Nessas experiências, havia momentos de desenhos livres, porém estes, aos olhos de nós, pessoas adultas, não pareciam possuir significado, sendo entendidos somente como rabiscos aleatórios. Contudo, quando a estudante pesquisadora passou a presenciar o cotidiano de crianças pequenas, de outra faixa etária, os desenhos apresentaram mudanças e transparecem formas e significados. Logo, no decorrer do tempo, algo aconteceu para que essa mudança nos traçados se realizasse. Isso sugere que quanto mais compreensão do mundo as crianças adquirem, mais os desenhos se modificam e ganham sentidos e muitas histórias.

Tendo isso em vista, encontra-se a problematização desta pesquisa: O que dizem os desenhos das crianças sobre o processo de desenvolvimento infantil? Quais os aspectos relacionados à produção de desenhos contribuem para o desenvolvimento infantil? Sabendo que a criança se constitui nas interações sociais, através de experiências e do contato com a cultura, surge outra questão: Como a teoria histórico cultural pode contribuir para que se possa compreender a relação entre desenho e desenvolvimento de crianças de uma turma da pré-escola de uma instituição federal de Educação Infantil?

Para tanto, a fundamentação teórica-metodológica deste estudo será baseada na perspectiva histórico-cultural, tendo como autor principal Lev Vigotski³ (1991) (2009), entre outros autores que abordam estudos sobre a Educação Infantil, o desenho infantil e o desenvolvimento humano. Lev Vigotski foi um importante teórico do desenvolvimento humano que se destacou por sua abordagem sociocultural. Em seus estudos, ele enfatizou a importância da interação social e cultural na formação do conhecimento e do pensamento humano. Sua teoria se aplica não apenas ao desenvolvimento humano em geral, mas também ao desenvolvimento infantil.

Seguindo a teoria histórico-cultural de Lev Vigotski, o desenho na Educação Infantil tem uma grande importância na formação e desenvolvimento da criança. De acordo com essa teoria, a aprendizagem é um processo social, que ocorre através da interação da criança com o meio e com outras pessoas. Nesse sentido, o desenho é uma forma de expressão que permite que a criança se comunique visualmente com o mundo ao seu redor. Segundo Vigotski (2018), o desenho é um meio de representação simbólica, e a capacidade de utilizar símbolos é fundamental para o desenvolvimento do pensamento abstrato. Além disso, o desenho pode ajudar a desenvolver habilidades motoras finas e a coordenação olho-mão, que são importantes para a aprendizagem da escrita e da leitura (LONGO; NARITA, 2019).

O desenho também pode ajudar a desenvolver a criatividade e a imaginação das crianças, além de ser uma forma de expressar emoções e sentimentos. Na perspectiva histórico-cultural (LONGO; NARITA, 2019), o desenho é visto como uma atividade que permite a construção de significados e o desenvolvimento de conceitos. Por exemplo, as crianças podem desenhar suas ideias sobre a natureza, os animais, as pessoas e os objetos, e esses desenhos podem ser usados para ensinar conceitos e vocabulário relacionados a esses temas. O desenho também pode ser usado como uma ferramenta para promover a interação social e a colaboração entre as crianças. Ao desenhar juntas, elas podem compartilhar ideias, se comunicar e aprender a trabalhar em equipe.

Por fim, o desenho na Educação Infantil, seguindo a teoria histórico-cultural, é visto como uma atividade que permite que a criança desenvolva sua linguagem visual, sua imaginação e criatividade, além de ser uma forma de construir significados e

³ Alguns materiais consultados utilizam o nome do autor com Y e outros com I. Logo, nesta pesquisa constam as duas formas.

conceitos. Por isso, é importante que educadores incentivem e valorizem o desenho como uma forma de expressão e aprendizagem para as crianças pequenas e bem pequenas.

Deste modo, este trabalho se estrutura apresentando, a seguir, a metodologia, depois, os eixos teóricos sobre o tema do trabalho para em seguida termos a análise dos desenhos e a apresentação de algumas considerações.

1. Por onde desenhar?

Lev Vigotski foi um psicólogo e filósofo russo que desenvolveu teorias sobre a relação entre cultura e aprendizado (REGO, 2011). A pesquisa qualitativa com abordagem histórico-cultural de Vigotski é uma metodologia que busca entender os processos históricos e culturais que influenciaram o desenvolvimento humano (FREITAS; RAMOS, 2010).

Em uma pesquisa qualitativa com abordagem histórico-cultural, o pesquisador busca compreender o processo de desenvolvimento humano a partir da análise da cultura e da história. Isso envolve uma investigação cuidadosa da relação entre as pessoas e as práticas culturais em que estão inseridas. Uma das principais características da abordagem histórico-cultural é a ideia de que o aprendizado é social e culturalmente construído. Isso significa que o conhecimento não é algo que está simplesmente “lá fora” esperando para ser descoberto, mas é construído por meio da interação social e cultural entre as pessoas (FREITAS; RAMOS, 2010).

Para conduzir uma pesquisa qualitativa com abordagem histórico-cultural, o pesquisador pode utilizar diferentes métodos, como entrevistas, observação participante, análise de documentos e análise de dados quantitativos. O objetivo é construir dados que permitam compreender os processos culturais e históricos que influenciam o desenvolvimento humano em um determinado contexto (FREITAS; RAMOS, 2010).

Desta forma, para o desenvolvimento desta pesquisa, primeiramente houve um levantamento bibliográfico em livros e artigos sobre Educação Infantil, desenvolvimento humano e desenho à luz da teoria histórico-cultural. Em seguida, a pesquisa de campo se desenvolveu em uma instituição federal de Educação Infantil com 15 crianças, entre 05 a 06 anos de idade, matriculadas em uma turma de pré-escola. Para isso, a instituição foi contactada para dar seguimento aos trâmites necessários. Além disso, foi enviado às famílias das crianças o termo de consentimento livre e esclarecido. Após, o retorno das famílias, foi explicado a proposta da pesquisa para as crianças, para que se alguma não se

sentisse à vontade de participar, que pudesse ser respeitada sua vontade. A estudante pesquisadora atua como bolsista na turma pesquisada, e deste modo, todas as crianças se mostraram empolgadas em participar do trabalho.

Após essas ações, se deu a observação participante em torno de 2 semanas durante o mês de outubro de 2023, em que a professora organizou um horário dentro da rotina para priorizar os eventos de desenhos livres. A observação participante como um instrumento metodológico para a pesquisa de cunho histórico-cultural, segundo, Maria Teresa de Freitas (2007), busca uma mediação entre o individual e o social, em que o pesquisador está com os sujeitos produzindo sentidos dos eventos observados, caracterizando-se assim por uma dimensão alteritária. Assim, o pesquisador também constitui parte do evento observado, contudo, precisa manter sua posição com olhar externo.

Com essa perspectiva, se deu a observação participante dos eventos de produção de desenhos. Assim, esses momentos, como o desenho finalizado pelas crianças foram registrados através de fotos, como também através de anotações no diário de campo. Após a observação participante, aconteceu a seleção de alguns desenhos para a análise dos mesmos à luz da teoria histórico-cultural, buscando aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil. Ao analisar os dados, buscamos identificar os fatores culturais e históricos que influenciam o desenvolvimento das crianças em questão.

Portanto, para termos embasamento teórico para a construção analítica deste trabalho, foi preciso articular os seguintes eixos teóricos à perspectiva histórico-cultural: Educação Infantil, desenvolvimento integral e desenho infantil. E isto se propõe apresentar através de uma breve reflexão a seguir.

2. Educação Infantil e desenvolvimento integral da criança: teoria histórico-cultural

Com a promulgação da Constituição Federal em 1988, a infância recebeu a devida importância. Tal marco histórico, após 21 anos de regime militar, concebeu as leis supremas que regem o país, incluindo o reconhecimento da criança enquanto sujeito de direitos que até então era vista somente como um indivíduo biológico, como abordou Farias (2020).

Portanto, o Art. 227 norteia que “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à

alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (BRASIL, 1988). Já o Art. 208 (BRASIL, 1988), prevê a incumbência do Estado em garantir acesso gratuito à educação para as crianças e adolescentes nas instituições de ensino.

Posterior ao pontapé inicial do reconhecimento e valorização da infância pela Constituição Federal, houve também a institucionalização do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) em 1990. Tal documento de cunho normativo, dispõe de diretrizes compiladas voltadas ao amparo dos direitos previstos em lei para com as crianças e adolescentes. Tendo o Art.54 destinado ao campo da educação, o qual aborda sobre o Estado assegurar matrícula em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade (BRASIL, ECA, 1990).

Martins (2020, p. 46) enfatiza que “nessa nova matriz, a intencionalidade educativa ultrapassa visões anteriormente presentes no imaginário educacional brasileiro”. Isso porque até então, as entidades de ensino não possuíam normas e obtinham papel de assistência às classes pobres, as quais castigavam e as enclausuravam. Farias (apud Kuhlmann Jr, 1998, p17.) acrescenta que

o que tange ao atendimento das crianças em creches e pré escolas, podemos acentuar que estas instituições não eram regulamentadas por legislações nacionais. Funcionavam com caráter assistencialista, higienista e sanitarista, tendo como objetivos principais o combate do alto índice de mortalidade infantil.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) surge regularizando a organização da educação brasileira com suporte nos princípios da Constituição. Em seu Art.29, determina a validação da primeira etapa da Educação Básica tomada pela Educação Infantil, tendo como objetivo o desenvolvimento integral da criança no que diz respeito às proporções física, psicológica, intelectual e social, em conjunto com a família e a comunidade (BRASIL, 1996).

Outro marco importante nos regulamentos que regem a Educação Infantil são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), em 2009. Nas DCNEI, é destacado uma condição crucial: o conceito de criança, olhada como sujeito histórico e de direito, abrangendo o âmago do planejamento curricular e ação pedagógica.

O desenvolvimento das crianças é impulsionado por práticas pedagógicas que ocorrem por meio de interações com outras crianças e parceiros adultos (COSTA E

MELLO, 2017). Nesse contexto, a brincadeira é uma ação privilegiada para a faixa etária, pois é a partir das brincadeiras que a criança (re)significa o mundo em que vive.

O currículo defendido pelas DCNEI (2009) visa articular as experiências e saberes das crianças com os conhecimentos culturais, artísticos, científicos e tecnológicos da sociedade. Para isso, apoia uma prática pedagógica intencional e planejada, que é constantemente avaliada, norteando o cotidiano das instituições de Educação Infantil.

Vale salientar que as DCNEI (2009) simbolizam um significativo progresso no debate sobre a oferta da Educação Infantil no Brasil. Sua confecção envolveu vasto debate no campo educacional, a qual contou com a participação de pesquisadores renomados, professores universitários, profissionais da Educação Básica e também movimentos sociais e entidades relacionadas ao tema. O conteúdo das diretrizes apresenta propostas significativas para o trabalho pedagógico nessa etapa educacional, determinando que a Educação Infantil não deve ser meramente escolarizante, mas sim focada na criança como protagonista do processo de aprendizagem, tendo o/a professor/a como organizador/a do ambiente escolar.

Martinez (2017, p. 75) adiciona que:

Nesse papel e nesse lugar, não nos limitamos a ação de transmitir conhecimentos, mas, sim a organizar os espaços e os tempos, a propiciar atividades instigantes e provocadoras, a promover momentos de trocas e de compartilhamentos entre as crianças, observando-as como seres de possibilidades.

A partir do comprometimento com o desenvolvimento integral da criança citada anteriormente, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) concebeu diversos documentos norteadores voltados para a ação docente. Martins (2020, p. 52) reforça que tais documentos “disseminam de modo intenso uma nova doutrina jurídica, que toma a criança como sujeito de direitos e, de igual modo, evidencia o caráter educativo das creches e pré-escolas.”

Em seguida, a Lei nº13.005, de 20 de junho de 2014, implementa o Plano Nacional de Educação (PNE) como o objetivo de prescrever ser válido a existência de uma base nacional comum nos currículos da educação básica produzindo metas e estratégias a fim de buscar melhorias na qualidade da educação. Ademais, apoiado ao PNE e a necessidade de cumprir as metas e estratégias estabelecidas, em 2017 houve o surgimento de outro documento de caráter normativo para a educação: A Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A BNCC determina quais aprendizagens essenciais devem ser seguidas para que o aluno se desenvolva ao longo de sua passagem pela educação básica, além disso, também dispõe de orientações para arquitetar o currículo e ações pedagógicas. Sendo assim, a estrutura da BNCC consiste em conceber esclarecimentos sobre as competências gerais da educação básica. O documento aponta que “a BNCC está estruturada de modo a explicitar as competências que os alunos devem desenvolver ao longo de toda a Educação Básica e em cada etapa da escolaridade, como expressão dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento de todos os estudantes”. Além de oferecer suporte para o entendimento para compreender de como as aprendizagens estão ordenadas por meio de códigos alfanuméricos capazes de distingui-las (BNCC, 2017).

Para a Educação Infantil, a qual abrange as idades de zero a cinco anos, a BNCC (2017) prevê o foco nas aprendizagens e no desenvolvimento, e ainda garante o chamado Direitos de Desenvolvimento e Aprendizagens que são distribuídos como: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar, Conhecer-se. Outro conceito crucial apresentado pela BNCC é dos 5 campos de experiência a serem explorados pelas crianças: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Posto isso, é notório a influência da Constituição Federal e suas ramificações para alcançar a garantia dos direitos das crianças as quais se alinham a Teoria Histórico-Cultural, visto que o reconhecimento da criança como sujeito de direito e a importância das interações são relevantes para o processo.

2.1. Infância e desenvolvimento na teoria histórico cultural

Para a THC pode-se dizer que o momento inicial da vida, nomeado como infância, se caracteriza como a fase da formação da personalidade, tendo a criança como protagonista iniciando sua própria jornada ao ser inserida no contexto cultural de origem situado e estipulado no tempo e na cultura.

Farias (apud James e James, 2012, p.21) afirma que a infância é “o começo da vida, um arranjo institucional que separa crianças dos adultos e estrutura espaços criados por esses arranjos para serem ocupados por crianças”. Como diz Folque (2017, p. 51): “A medida que os indivíduos agem interagem e participam em atividades conjuntas, elas são introduzidas nos modos culturais de construção do conhecimento que se acumularam na sociedade ao longo da história”.

Sendo assim, para a THC, durante o progresso na participação do convívio social que o desenvolvimento é construído, quanto maior a oportunidade da criança em presenciar diversas situações com o meio gerador, mais são geradas as aprendizagens, tornando-as capazes de desvendar o mundo e o que representam nele, passando assim a se desenvolverem, como afirmado por Vieira (apud Vigotski, 2020) as aprendizagens impulsionam o desenvolvimento.

Costa e Mello (2017, p.13) declararam que o “desenvolvimento depende das experiências por nós vividas no seio da sociedade e com a cultura acumulada constituída pelos objetos materiais (como as ferramentas, as casas e os livros) e não materiais (peças de teatro, as danças, e a literatura)”. Logo pode-se declarar que a cultura se caracteriza pelo acúmulo das criações humanas, tanto como objetos simbólicos quanto objetos manipuláveis cumprindo o papel de exercer direta influência no indivíduo. Nesse sentido, os autores ainda apontam que para manejar de maneira apropriada tais objetos, é necessário dispor de habilidades, capacidades e funções psíquicas sendo as gerações anteriores o elo primordial entre elas. “A medida que as novas gerações, por meio das gerações mais velhas aprendem a usar esses objetos da cultura, elas reproduzem para si as aptidões e as funções psíquicas postas nesses objetos, isto é, apropriam-se delas” (COSTA E MELLO, 2017, p.14).

Ainda acerca da concepção do desenvolvimento à luz da Teoria Histórico-Cultural, Vieira (2020) acrescenta que

o desenvolvimento humano tem uma base biológica, que é o desenvolvimento filogenético relacionado a história da nossa espécie humana, e um desenvolvimento cultural, chamado ontogenético, que está relacionado a história construída pela humanidade através dos bens e ferramentas culturais (VIEIRA, 2020, p.65).

Dado isso, o desenvolvimento como processo dinâmico, tende a interligar a natureza, entendida como a ciência, com a história produzida ao longo da existência humana, a cultura. Ademais, segundo Vieira, Vigotski comentava que “cultura é o produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem” (2020, p.64). Os resultados das produções e ações humanas derivados da cultura, é a ponte que segrega a natureza da cultura, e ao mesmo tempo as conectam quando transformadas por um/a ser humano (PINO, 2005).

Consoante com Vigotski (2009), o desenvolvimento infantil é fortemente influenciado pelo ambiente sociocultural em que a criança está inserida. Ele acreditava

que as crianças aprendem a partir de sua interação com outras pessoas e com o ambiente ao seu redor, e que o conhecimento é construído a partir dessas experiências.

Solange Jobim e Souza (2012), em seus estudos sobre o desenvolvimento infantil, destaca a importância da abordagem de Vigotski para compreender a relação entre a cultura, a linguagem e o pensamento na formação do conhecimento infantil. Para ela, a teoria de Vigotski é especialmente relevante para a educação de crianças, pois sugere que o ensino deve ser orientado para a promoção do desenvolvimento cognitivo e social dos pequenos.

Desde os primeiros instantes da existência, ao ser alimentado com o leite materno o bebê tem suas carências biológicas fornidas e manifesta uma nova demanda de necessidade social, isto é, de estar em companhia dos outros e de ser acalentado. Sob essa perspectiva, a criança demonstra habilidade para estabelecer conexões e conceder apreço a tudo que vivencia, ou seja, é competente para arrecadar conhecimento, é capaz de aprender. A partir do início da vida, as pessoas ampliam a aptidão de estabelecer relações com o mundo, tanto com outras pessoas quanto com objetos, reiterando a ênfase já citada sobre o desenvolvimento ser ocasionado pela força motriz: a aprendizagem (COSTA E MELLO 2017 p.15).

Segundo a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, por Costa e Mello (2017), é legítimo que o desenvolvimento humano não tenha origem espontânea, mas sim é uma consequência direta das experiências vivenciadas e das aprendizagens adquiridas no decurso do tempo.

Para mais, o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que acontecem no desenvolvimento durante um determinado período de vida, ou seja, o contexto que ocasionou novas funções ou atingiu um grau superior das funções já apropriadas, foi denominado por Vigotski (2012b) como a “situação social de desenvolvimento”.

Em concordância com o autor, Vieira (2020) disserta que ao perpassar por uma contradição, um obstáculo, entre as potencialidades e as exigências atrelados às chances que o ambiente dispõe ocorre o salto qualitativo na realização de tarefas. Assim, a condição do progresso sustenta que o que delimita as capacidades da criança é a soma das experiências vividas e a maneira como essas vivências são incorporadas. Conseqüentemente, a situação social do desenvolvimento abarca o papel que a criança desempenha nas interações sociais em que se envolve, moldando o modo como ela se associa com a vida em uma etapa específica e sendo a força propulsora para o desencadeamento de novas formas de ser e estar.

Nesse sentido, Vigotski (2009) propôs que o desenvolvimento infantil ocorre em etapas, e que cada etapa é caracterizada por uma mudança qualitativa na forma como a criança pensa e entende o mundo. Ele identificou duas fases importantes no desenvolvimento infantil: a primeira é a fase pré-operatória, que se estende desde o nascimento até os dois anos de idade, e a segunda é a fase operatória, que começa aos dois anos e vai até a adolescência (OLIVEIRA, 2010).

Durante a fase pré-operatória, as crianças desenvolvem a capacidade de representar mentalmente objetos e eventos, e também começam a usar a linguagem como uma forma de comunicação. Nessa fase, a interação social é fundamental para o desenvolvimento, uma vez que a criança aprende a partir da imitação e da observação dos outros (OLIVEIRA, 2010).

Já na fase operatória, a criança começa a pensar de forma mais lógica e sistemática, e a capacidade de resolver problemas de forma independente aumenta. Nessa fase, a aprendizagem é influenciada não apenas pela interação social, mas também por outros fatores, como a escolarização e a exposição a diferentes tipos de conhecimento (OLIVEIRA, 2010).

Em termos psicológicos, desenvolvem-se necessidades particulares em cada fase. E, por meio das atividades principais, a criança estabelece um novo relacionamento com o mundo. Nesse contexto, cada estágio do desenvolvimento infantil é marcado por uma conexão específica com uma atividade principal, que se torna a primordial forma de interação da criança com o mundo real. De acordo com Vieira (2020), os estudiosos da Teoria Histórico-Cultural afirmam que a passagem de uma fase do desenvolvimento infantil para outra se dá no momento em que surgem inicialmente mudanças mentais e sociais. Essa é outra abordagem da THC, a da periodização do desenvolvimento.

Segundo Vieira (2020) os principais estágios de desenvolvimento pelos quais os sujeitos passam são: até 01 ano a comunicação emocional do bebê; de 01 a 03 anos a atividade objetal manipulatória; 04 a 06 anos o jogo de papéis; 07 a 12 anos atividade de estudo; e a partir da adolescência o foco é a comunicação íntima pessoal e atividade profissional/estudo. Nesse sentido, Vieira ressalta que: “Essas etapas não são organizações rígidas e que há fluidez entre elas, justamente pelo caráter cultural e histórico do desenvolvimento humano, que considera as vivências da criança e como ela dá sentido ao meio em que vive e as relações pessoais estabelecidas” (2020, p. 70).

Outrossim, as crises definem a conclusão de uma etapa e por consequência, a inauguração da etapa seguinte. Vigotski (2012b) por Vieira frisa que tais crises geradas

pelas transições das etapas, causam alterações repentinas e descontinuidades na personalidade da criança, e esses períodos podem ser de duração incerta, podendo se estender por diversos meses, até no máximo dois anos. Por fim, tanto a Situação Social do Desenvolvimento quanto a Periodização estão interligados à escola e à atuação do professor/a, visto que o profissional é agente presente nesse processo.

Com isso, os níveis de desenvolvimento examinados por Vygotsky foram intitulados como Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) também chamada de Atual e Efetivo que se caracteriza como a autonomia da criança em realizar funções já internalizadas. E a Zona de Desenvolvimento Potencial (ZDP) conhecida como Proximal e Eminente descrita como sendo o auxílio recebido pela criança para efetivar novas funções.

A (ZDP) é uma das principais contribuições teóricas de Lev Vigotski (2009) para a compreensão do desenvolvimento humano. Ela se refere à distância entre o nível atual de desenvolvimento de uma pessoa e seu potencial de desenvolvimento máximo com a ajuda de um mediador. A Zona de Desenvolvimento Proximal, portanto, é a área em que uma pessoa pode se desenvolver com a ajuda de um mediador. Ela representa a diferença entre o que uma pessoa pode fazer sozinha e o que ela pode fazer com a orientação e o apoio de um mediador experiente. Para Vigotski, é nessa zona que a aprendizagem ocorre e onde novos conhecimentos são construídos (RABELLO; PASSOS, 2011). Logo, fica evidente o lugar da educação escolar como aliada ao desenvolvimento integral da criança.

Teixeira e Barca (2017, p. 35) acrescentam que “a escola é um meio privilegiado para organizarmos a vida de modo a interferir no processo de formação da personalidade das crianças”. Assim sendo, em parceria com a/o professor/a como responsável por preparar o ambiente da instituição, incluindo as crianças nas decisões e organização, ocorre a união dos 3 elementos que se relacionam dialeticamente: a criança, o/a professor/a e o ambiente.

Para melhor esclarecer a funcionalidade dessa relação, Vigotski por Teixeira e Barca (2017, p.36) discorrem sobre o conceito de *Obutchenie*⁴, o qual carrega o papel de “marcar a interdependência entre os sujeitos que deles participam (Professor e Criança), enfatizar o papel do professor como organizador do meio social educativo e destacar o papel da intencionalidade pedagógica.”

⁴ Estudiosos não conseguiram traduzir tal conceito, pois não há palavras em português que a represente de fato.

Dado isso, no parâmetro educativo do sistema conceitual de Vigotski, podemos caracterizar o conceito de *Obutchiène* como uma atividade inserida no contexto social, sob a tutela dos professores e em colaboração com as crianças. Essa atividade é guiada por um indivíduo experiente e implica o envolvimento ativo da criança tanto na organização quanto na execução da mesma.

Em resumo, a THC proporciona uma visão ampla sobre o desenvolvimento humano, destacando a interligação entre a cultura, a aprendizagem e o crescimento individual. Para a THC, a infância é o início dessa jornada de formação da personalidade, na qual as experiências sociais e culturais desempenham um papel fundamental. A cultura é o ambiente em que as crianças se desenvolvem, absorvendo conhecimento e adquirindo habilidades através da interação com a sociedade e o meio que as cerca. O desenvolvimento humano é uma combinação complexa de influências biológicas e culturais, sendo a cultura o fio condutor que conecta a natureza e a sociedade. Além disso, a escola e o papel do professor desempenham um papel vital nesse processo, facilitando a aprendizagem das crianças por meio de mediação e orientação, especialmente no contexto da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Portanto, a abordagem da THC lança luz sobre a importância de reconhecer a criança como um ser ativo na construção de seu próprio desenvolvimento, enfatizando o papel central da cultura e do ambiente educacional na formação das próximas gerações de indivíduos. Neste contexto, avançaremos para discutir a interseção entre o desenho e o desenvolvimento humano à luz da Teoria Histórico-Cultural.

3. Desenho e o desenvolvimento humano segundo a Teoria Histórico-Cultural

Ao pensar sobre a ideia de desenho, surgem inúmeros conceitos acerca desse fato, sendo fácil o entendimento sobre ele, porém de difícil explicação. Segundo o dicionário online, o desenho pode ser definido como: “1. representação das coisas e dos seres, ou até mesmo das ideias, por meio de linhas, cores e sombras, feitas a lápis, a tinta etc. 2. objeto desenhado. 3. traçado; plano” (MEU DICIONÁRIO, 2019, s/p).

Porém, o desenho carrega consigo um significativo valor a respeito da expressividade decorrente dele, visto que vai adiante de traços e marcas deixadas em um certo plano. Segundo Edith Derdyk (2020), “o desenho, além de ser fruto de uma ação motora, manifesta um ritmo biopsíquico de cada indivíduo, encadeado com uma repetição proveniente de uma ordem imperiosa que vem lá de dentro” (p. 46).

No decorrer da história da humanidade, o desenho obteve outras funções. Edith Derdyk (2020), evidenciou que, na era do Renascimento, o desenho recebeu o status de cidadão, ou seja, obteve reconhecimento:

[...] Se de um lado, é risco, traçado, mediação para expressão de um plano a realizar, linguagem técnica construtiva, de outro lado é desígnio, intenção, propósito, projeto humano no sentido de proposta de espírito, um espírito que cria objetos novos e os introduz na vida real (ARTIGAS, 1999, p73).

A obra de Derdyck (2020) ainda dispõe esclarecer o papel do desenho na Revolução Industrial como instrumento útil para socialização daquele momento em prol de uma “necessidade de organização racional da sociedade e a busca da sistematização da produção em larga escala” (DERDYK, 2020, p.29.). A partir deste momento da história, surgiu a necessidade da nação compreender para dominar/manusear o vigente modelo social, o desenho auxiliou para que isso sucedesse.

Dado isso, como introduzido pela autora (2020), ao refletir sobre esses notáveis registros, somos levados a considerar que cada elemento que testemunhamos e experimentamos na nossa cena cultural, uma criação integralmente construída pela humanidade, foi um dia elaborado e marcado por alguém. Isso abrange desde os trajes que selecionamos para usar até mesmo as estruturas arquitetônicas que nos cercam. Isso mostra como é inegável a importância do desenho na história da humanidade.

Desse modo, o ato de desenhar para as crianças também é muito importante e evolui gradualmente, partindo de traços aleatórios e desordenados até a representação dos pensamentos, outrossim vai além de linhas depositadas em um papel arbitrariamente, para elas é uma recreação. Isso porque essa ação se torna um espetáculo para suas representações e a edificação de seu meio singular. Isso quer dizer que desenhar é uma brincadeira para a infância, e como toda brincadeira, ela enfrenta vivências por meio de situações intencionalmente elaboradas, buscando assim conquistar a compreensão da realidade (WINNICOTT,1982).

Nesse sentido, Derdyk (2020, p. 39) acrescenta que “o desenho é uma manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar.” Sendo assim, a criança carrega o ato de corriqueiramente projetar o que presencia e o que brinca. E desta maneira, o desenho, se torna instrumento de representação da cultura em que está inserida, sendo também um produto da cultura que ela também constrói.

Porém, quando há a oportunidade de uma criança, de 18 meses de idade aproximadamente, manipular um objeto riscante (lápiz, caneta, giz, etc.) ela percebe que

a marca deixada por ela na superfície segue seus gestos. Isso torna prazeroso para ela em conjunto com o carecimento de movimentação corporal gerando a garatuja (primeira fase do desenho infantil). Porém, é evidente que tal feito é basicamente energético, não tendo relação com a figuração. Para Derdyk (2020, p.45) “a permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar esse prazer, o que significa uma intensa atividade interna”.

Desse modo, com o passar do tempo e habituada com os instrumentos gráficos, a criança, que manipula essa ação, passa, gradualmente, a alinhar o prazer motor inicial com o prazer visual. Logo, ela percebe o limite do papel que antes o transbordava com seus rabiscos para fora dele. Derdyk acredita que esse procedimento compõe, de certa maneira, o seu próprio processo de integração social, pois “a criança passa a diferenciar o que existe fora e o que existe dentro do papel e, similarmente, percebe o “eu” e o “outro”, o que é “meu” e o que é do “outro” (2020, p. 28). Ou seja, o desenho também auxilia a criança a passar pela fase egocêntrica que está presente no desenvolvimento infantil.

Levando em conta que a instituição escolar deve contribuir na existência das crianças, é evidente notar a influência deste espaço no progresso comportamental delas. Como já argumentado acima, para a THC, o ser humano se constitui em suas relações sociais as quais possuem costumes estabelecidos. Com essa perspectiva é que a escola também está inclusa na composição da cultura de todos. Dado isso, no instante em que o desenho for estimulado nesse cenário e habitado pelos profissionais da educação, isso acaba por lapidar o aperfeiçoamento da expressividade das crianças.

Nesse sentido, a teoria elaborada por Vigotski a fim de interpretar a vida humana, defende que o desenho é primordialmente produto da primeira infância⁵. Assim posto, em busca da compreensão, ele investigou sobre como acontecem as criações por humanos, e com isso foi capaz de desvendar as especificidades do desenhar na infância como apresentado em seu livro “Imaginação e criação na infância” (2018).

Sendo assim, Vygotsky definiu a presença de dois modelos fundamentais de atividade humana: A Atividade Reprodutora e a Atividade Criadora.

A Reprodutora está diretamente relacionada com a memória e a capacidade de reproduzir algo já concreto, como completa o pensamento de Vigotski “O cérebro mostra-se um órgão que conserva nossa experiência anterior e facilita a sua reprodução” (2018).

⁵ Vigotsky definiu primeira infância como crianças de 1 a 3 anos.

Isso quer dizer que quanto mais o comportamento reprodutor estiver ativado/em uso, mais estímulos repetidos são recebidos com frequência e transformados em ação.

Já a Atividade Criadora, como o próprio nome indaga, possibilita o ato de originar aquilo que ainda não existe sem distinção de sua característica através da imaginação, ou seja, a imaginação possibilita a criação. Por conseguinte, a ação de imaginar, segundo Oliveira (2022), é uma capacidade do cérebro de combinar elementos, porém não como algo fora da realidade como muito pensado por aí. Isso porque, alicerçada nos elementos experimentados ao longo da vivência humana anterior, a imaginação serve como fundamento primordial. Dessa forma, toda forma de criação origina-se da poderosa capacidade imaginativa inerente aos seres humanos, sendo tudo o que foi concebido produto da sua criatividade (OLIVEIRA apud VYGOTSKY, 2022).

Sendo assim, fica explicitado que para a THC, a imaginação provém das experiências internalizadas que se segregam para depois retornar à realidade. Seria importante reiterar que, no sentido da THC, o conceito de experiência tem origem na realidade e se distingue em 03 ramificações: individuais, sociais e históricas.

As experiências individuais são aquelas vividas diretamente por uma pessoa; as sociais são aquelas compartilhadas por outrem, mas que passam a ser nossas a partir do momento em que tomamos conhecimentos delas; e, as experiências históricas são aquelas vividas na história da humanidade e que nos apropriamos na cultura (OLIVEIRA apud VYGOTSKY, 2022. p173).

Diante do que já foi exposto, ao relacionar o desenho como produto da imaginação a qual provém de experiências, ficou claro que tais experiências alimentam a imaginação e retornam para o real em forma de desenho. Desse modo, Vigotski estabeleceu uma periodização para designar as etapas dos traçados a fim demonstrar que “cada momento da vida há determinado tipo de criação por meio do desenho” (OLIVEIRA, 2022, p. 76).

Tal periodização, caracterizada como os estágios do desenho infantil, de acordo com a perspectiva de Lev Vygotsky (2008), apresentam uma visão fascinante do desenvolvimento cognitivo e criativo das crianças, destacando como as habilidades progridem ao longo do tempo. Vygotsky propôs quatro estágios distintos que descrevem a evolução do desenho infantil, abrangendo desde os estágios iniciais até a representação plástica mais avançada: o Estágio dos Esquemas, o Estágio do Surgimento, o Estágio da Representação Verossímil e o Estágio da Representação Plástica.

No Estágio dos Esquemas, que também é chamado de Estágio dos Gafanhotos, as crianças se dedicam a fazer rabiscos e linhas sem um propósito ou significado claro. Esse

estágio inicial se concentra na coordenação motora e na expressão gráfica, ajudando as crianças a desenvolver habilidades fundamentais (OLIVEIRA, 2022).

No Estágio do Surgimento, ou Estágio dos Símbolos Gráficos, as crianças começam a atribuir significados simbólicos aos seus desenhos. Aqui, elas representam objetos e pessoas usando formas simplificadas, marcando um avanço na compreensão da simbolização visual (OLIVEIRA, 2022).

O Estágio da Representação Verossímil é o próximo passo, onde as habilidades de representação continuam a evoluir. Os desenhos se tornam mais detalhados e complexos, e as crianças passam a criar narrativas visuais mais elaboradas (OLIVEIRA, 2022).

Por fim, no Estágio da Representação Plástica, também conhecido como Realismo Visual, as crianças buscam criar desenhos que se assemelham ao mundo real. Este estágio avançado envolve a atenção a detalhes, proporções e perspectiva, refletindo um alto nível de habilidade no desenho (OLIVEIRA, 2022).

É importante observar que esses estágios não são estritamente sequenciais nem rígidos, e o desenvolvimento do desenho infantil é influenciado por diversos fatores, incluindo contexto cultural, social e educacional. A Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky destaca a interação entre o desenvolvimento cognitivo e o ambiente cultural, destacando a influência da cultura e do contexto social no progresso das habilidades de desenho das crianças.

Nesse sentido, Oliveira (2022) ainda complementa que num certo intervalo de tempo, a memória serve como apoio para o ato de desenhar. Em seguida, ocorre uma transição para que o desenho seja baseado na observação. Após isso, há um aprimoramento das técnicas, resultando em uma maior proximidade do desenho de observação com a realidade.

Em suma, o desenho é uma forma de expressão complexa que vai além da simples definição de linhas, cores e sombras. Possui um significado amplo e desempenhou diversos papéis na história da humanidade, passando pelo Renascimento e auxiliando na Revolução Industrial. O ato de desenhar pelas crianças, partindo de rabiscos aleatórios para a representação de pensamentos, é fundamental em seu desenvolvimento. O desenho também reflete a cultura e se torna um meio de comunicação e representação para as crianças. Lev Vigotski, com base na Teoria Histórico-Cultural, estabeleceu quatro estágios de desenvolvimento do desenho infantil: Esquemas, Surgimento, Representação Verossímil e Representação Plástica. Esses estágios não são estritamente sequenciais,

mas mostram a progressão das habilidades das crianças na expressão visual. A imaginação, resultante de experiências internalizadas, desempenha um papel crucial no desenvolvimento do desenho. O ambiente cultural e social influencia o progresso das habilidades de desenho das crianças, destacando a interação entre desenvolvimento cognitivo e cultural. Posto isso, em seguida este trabalho irá apresentar uma breve análise dos desenhos das crianças participantes desta pesquisa.

4. O que dizem os desenhos infantis das crianças da pré-escola? Uma breve análise

A princípio foi planejado observar a produção dos desenhos das crianças no período de 1 mês, aproximadamente. Infelizmente, devido a um problema de saúde da estudante pesquisadora não pôde ser realizado da forma organizada inicialmente. Dada a aproximação da data para finalização do trabalho, foi necessário encurtar o tempo de observação de observação participante dos eventos de produção dos desenhos.

Dessa maneira, a professora da turma oportunizou os momentos para que a observação participante pudesse acontecer a fim de atender a pesquisa no período de 2 semanas em outubro de 2023. Nessas ocasiões organizadas houve disponibilidade de diversos materiais para a turma. Também é válido citar que as crianças tiveram liberdade tanto na escolha do que desenhar, quanto na escolha de onde se posicionarem para desenvolverem a proposta. Sendo assim, a maioria dos dias de produção ocorreram na sala referência, porém houve convites para produzirem seus desenhos em outros espaços da instituição. Por conseguinte, a partir do período de análise, os eventos selecionados a seguir destacam algumas categorias abordadas pela Teoria Histórico-Cultural.

A primeira situação significativa aconteceu da seguinte forma: Ao iniciar o dia contemplando uma roda de conversa, a qual é corriqueira na Educação Infantil, a professora lembrou certos fatos ocorridos durante o mês. Em seguida as crianças mencionaram a data destinada a comemorar os aniversariantes, como sucede mensalmente na instituição, e prontamente elas buscaram na memória a ocasião em questão que teve como tema Festa Junina. Então, posteriormente, no momento reservado para a produção dos desenhos, foi exteriorizado essa memória para o papel, ficando subentendido que tal fato as marcou significativamente. Posto isso, das 11 crianças presentes no dia, 7 entregaram desenhos com o tema Festa Junina:

Figura 1- Desenhos de festa junina



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Durante o processo, foi observado que algumas crianças escolheram ocupar as mesas e também o chão. Portanto, 4 crianças de uma das mesas (P, V, A MG)⁶ e 3 crianças do chão (ML, S, LD) realizaram o fato narrado acima. Porém, mesmo que elas tenham representado traçados similares, cada desenho possui suas próprias particularidades, visto que as crianças trocavam informações sobre as cores que iriam escolher e que diferenciava dos demais. Também algum detalhe como a mesa com comida executada pela criança A, e que fora copiado pelas crianças MG e P. Ademais, também teve presença de pessoas retratadas pelas crianças S, V. À vista disso, o que esses desenhos simbolizando a festa junina querem dizer sobre a infância dessas crianças? Será que as

⁶ Para se referir às crianças sem dizer seus nomes verdadeiros, optou-se por utilizar letras.

crianças queriam dizer que gostariam de festejar mais aniversários parecidos com o tema de Festa Junina?

Dado isso, os desenhos recebidos ao serem relacionados com a teoria do desenvolvimento de Lev Vygotsky apontaram a presença da Atividade Reprodutora, a qual, a criança regenera ou reitera representações previamente experimentadas, diretrizes de comportamento já estabelecidas ou reaviva as marcas das experiências passadas, mantendo uma conexão íntima com a memória. Para o autor:

Se observarmos o comportamento do homem e toda a atividade que desenvolve, com facilidade reparamos que podemos distinguir dois tipos de atividade. A primeira, que podemos designar de reprodutiva ou reprodutora, está associada, de modo intrínseco, à nossa memória; a sua essência consiste no facto de o homem reproduzir ou repetir modos de comportamento já anteriormente elaborados e produzidos ou ressuscitar traços de impressões anteriores (VYGOTSKY, 2012, p. 21).

Dessa forma, pode-se destacar que tal critério é moldado pelo ambiente, e o processo de aprendizado envolve a mediação social para expandir as capacidades individuais. A interação com outros sujeitos como retratada pela ZDP desempenha um papel crucial na ampliação das habilidades e conhecimentos de uma pessoa, permitindo-lhes realizar atividades de forma mais autônoma e eficaz. Esta categoria pode ser observada no momento da produção dos desenhos da Festa Junina, posto que para além da interação entre professora e crianças esta também se deu mediada entre as próprias crianças.

Continuando, notou-se que a Atividade Reprodutora apareceu majoritariamente durante a atividade de produção de desenhos pelas crianças.

Outro momento elegido foi uma ação a qual chamou atenção por parte de um grupo de crianças (LR, ML, LD) que escolherem sentar juntas à mesa e começaram a cantar músicas famosas do aplicativo TikTok enquanto desenrolavam os traçados. Diante disso, uma delas, LR, em específico narrou o que estava confeccionando: *“Eu tô desenhando meu sonho, Ana castela e eu”*⁷, sendo a pessoa mencionada a artista das músicas as quais cantavam e assim desenhou:

Tendo isso em vista, também foi possível notar que, a finalização da maioria dos desenhos realizados por grupos de crianças, dependiam de quem estava próximo a elas. Pois, reiterando, há desenhos semelhantes na ideia dos traçados, além de trocas de

⁷ Para representar as falas das crianças enquanto desenhavam, utilizaremos o destaque em itálico.

experiências da cultura pop a qual as crianças estão enraizadas que influenciam e acabam por refletir em seus desenhos.

Figura 2 - Criança LR e Ana Castela



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

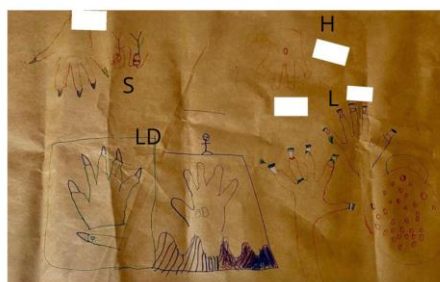
Em outro momento, a fim de buscar evidenciar a Atividade Reprodutora da THC, a estudante pesquisadora propôs às crianças a realizarem o desenho em conjunto em um rolo de papel pardo disponibilizado. Logo, no decorrer da elaboração, foi perceptível que certo agrupamento de crianças efetuaram a mesma abstração: contornaram a mão e adicionaram unhas coloridas. Porém, é importante mencionar que tal atitude iniciou por parte da criança G, e em seguida o restante do conjunto reaplicou o conceito também.

Figura 3- Crianças desenhando no rolo de papel



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 4- Desenhos no rolo de papel



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Ao analisar a Atividade Reprodutora dos desenhos evidenciados, foi possível compreender e alinhar a teoria com a prática. É notável a influência do meio cultural e social que constituíram a passagem da ideia para o papel. Sendo assim, a sociedade emergida em aplicativos abarcam o modo como as crianças absorvem as informações do mundo, dado que tanto o TikTok quanto as unhas postiças representadas são conteúdos criados e viralizados nas redes sociais. Outro ponto interessante, foi a representação de algo que lhes foi marcado, como a comemoração com a temática Festa Junina, pois, nesse dia, todos se divertiram ao som de músicas que gostam, além de se depararem com uma grande quantidade de comidas típicas levadas pelas próprias crianças.

Posto isso, a categoria da Atividade Reprodutora chamou atenção pelo fato de ter sido efetuada em coletivo. Porém observando a produção individual de cada criança, uma delas, (F), se destacou por não seguir outras crianças e seguir o mesmo padrão em seus desenhos, pois, quando questionado o que representavam, a mesma resposta foi dada corriqueiramente: Amigo/monstro imaginário. Ou seja, ela entregou o mesmo conceito durante as 2 semanas de observação participante, até mesmo na ocasião da confecção dos desenhos no rolo grande de papel pardo, como apresentado a seguir:

Figura 5- Desenhos da criança F



Fonte: Arquivo da pesquisadora

O que os desenhos de F sobre amigo e mostro imaginário nos diz? Estes desenhos nos dão pistas sobre outra categoria da THC, o da Atividade Criadora a qual surge da geração de novas imagens ou ações, diferindo da mera reprodução de impressões ou experiências vivenciadas anteriormente. Pois, o cérebro humano, para além de preservar e replicar vivências passadas, realiza a combinação, transformação e formação de novas ideias e comportamentos a partir dos elementos dessas experiências. Para Vygotsky (2018), a base fundamental de toda atividade criadora reside na imaginação, que permeia diversos aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Com isso, tudo que nos cerca na vida cotidiana e não é uma manifestação da natureza é

resultado da imaginação e da habilidade humana de criar com base nela. A essência da criação está na capacidade de organizar elementos e integrar o antigo ao novo. Dado isso, também é interessante citar que a criança narrou durante o ano letivo seu apreço pela animação chamada Pokémon, e sua imaginação tomou essa animação como base ao refletir em seus desenhos, visto que são semelhantes aos personagens existentes na obra citada e os traçados desenvolvidos durante a observação. Um diálogo em especial chamou a atenção quando F sentou junto das crianças MG e H. A criança F perguntou a criança MG se ela assistia a animação e a criança questionada respondeu que não, e acrescentou que sua mãe não permitia por não ser algo de Deus, e então mostrou uma corrente religiosa que usa. Em seguida, a criança H dá uma solução para o problema dizendo: “*É só você tirar a corrente pra assistir ué*”.

Diante do que foi exposto, Atividade Criadora tendo suas raízes nas experiências pessoais proporciona um leque de novidades a serem acessadas. Logo, ficou entendido que, quanto mais a criança perpassa por diversas experiências, mais se torna provável o surgimento de novas ideias proveniente da interiorização mescladas delas. Para mais, também constou que, até mesmo para a Atividade Reprodutora acontecer, é preciso uma Atividade Criadora antecessora para que haja réplica, visto que, a maioria da replicação dos desenhos designados como reprodutores, partiram de conceitos isolados trazidos por determinadas crianças no ato de desenhar que só após foram imitadas.

Nesse sentido, podemos dizer também que os desenhos da criança F podem representar a Atividade Criadora por se diferenciar dos demais desenhos no coletivo, e também podem ser relacionados à Atividade Reprodutora, sendo que F traçou desenhos muito similares todos os dias, reproduzindo a si próprio.

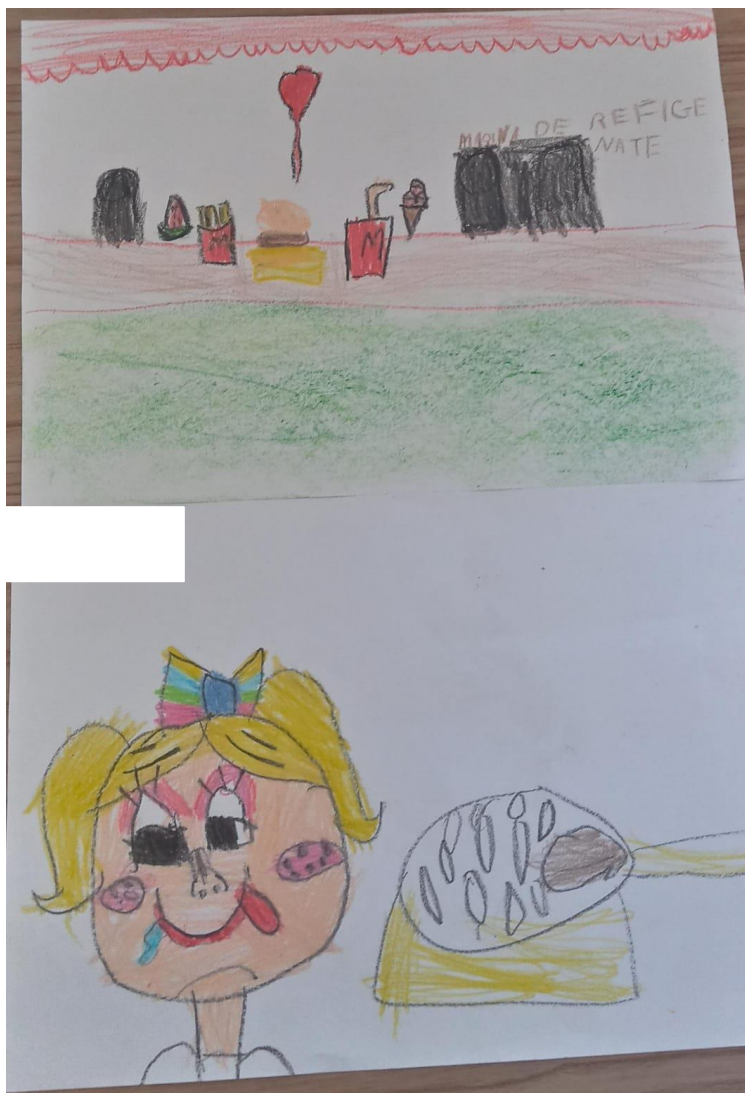
Para mais, a THC também dispõe sobre os estágios do desenho infantil. De acordo com a perspectiva de Lev Vygotsky (2008), essa categorização oferece uma visão envolvente sobre o desenvolvimento cognitivo e criativo das crianças, evidenciando a progressão das habilidades ao longo do tempo. Vygotski identificou quatro estágios distintos que retratam a evolução do desenho infantil: o Estágio dos Esquemas, o Estágio do Surgimento, o Estágio da Representação Verossímil e o Estágio da Representação Plástica. Sendo assim, nesta pesquisa foi possível detectar que o estágio em que as crianças se encontram até o momento desta escrita é o Estágio Verossímil.

Sobre isso, Oliveira (2022) caracteriza o esforço por parte das crianças em criar representações aproximadas à realidade com mais precisão. Isso quer dizer que, estão

considerando como os elementos se relacionam entre si em termos de tamanho e posição, dando uma sensação mais realista à sua representação.

Em vista disso, para representar o Estágio Verossímil, foram selecionados os desenhos das crianças LS e J como apresentado a seguir:

Figura 7 - Estágio Verossímil



Fonte: Arquivo da pesquisadora

O que dizem estes desenhos que tem relação com alimentação? De acordo com as crianças donas dos desenhos destacados, estão simbolizados um piquenique e uma menina com fome, respectivamente. Com isso, o que despertou a atenção do primeiro desenho elaborado pela criança LS, foi o fato de além estarem representando a realidade, ela também se preocupou com a proporção dos objetos, visto que há alimentos dispostos

em uma toalha sobre uma grama, simbolizando o tamanho deles e até mesmo o logotipo de uma rede de fast-food. Já o segundo desenho, de acordo com a criança J, seria ela com fome. Este desenho deixou uma indagação devido a expressão facial e o sentimento de estar próxima de uma panela com alimento e também demonstra uma característica da criança, pois, corriqueiramente, ela tem o hábito de falar sobre comida. Sendo assim, como os momentos para os desenhos eram próximos do horário do lanche, ficou subentendido a inspiração para os traçados. Posto isso, ao todo, foi possível observar o desenvolvimento do desenho infantil, visto que as crianças estão começando a capturar nuances e particularidades mais sutis ao representar visualmente algo proveniente da cultura.

Por fim, a experiência de poder acompanhar a produção dos desenhos, do ponto de vista de uma estudante pesquisadora, oportunizou enxergar a criança como escritora de sua história, a qual possui elementos da realidade, mas que são modificados de maneira fantasiosa. Ademais, os momentos destinados a produção dos desenhos trouxeram um olhar sobre o compartilhamento de gostos pessoais e os objetos da cultura em que as crianças estão inseridas e que necessitam de serem valorizadas e respeitadas em suas infâncias. Isso reverberou que as crianças e seus desenhos possuem valores, opiniões e personalidade em constante construção.

Traçados finais

A pesquisa em questão, apesar do tempo curto para acompanhar o desenvolvimento da criança como um todo, proporciona pistas que puderam indicar como o desenho pode contribuir para o desenvolvimento infantil sob a ótica da Teoria Histórico-Cultural (THC). Todavia, dados os limites deste trabalho em relação ao tempo de observação, surge a possibilidade de desenvolvimento de uma outra pesquisa em que de fato possa acompanhar o desenvolvimento infantil através dos desenhos por um período significativo para de fato compreender o que estes podem dizer sobre os processos de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças.

Entretanto, ao explorar a infância como um campo amplo de estudo, o trabalho destacou a importância dos diversos aspectos do desenvolvimento infantil, ressaltando que tais processos podem permitir que a criança seja a protagonista de sua própria narrativa como sujeito histórico que é, com suas particularidades.

Segundo a perspectiva de Rabello e Passos (2011), o desenvolvimento ocorre de maneira não linear e abrange diversos domínios, incluindo o afetivo, cognitivo, social e motor. A pesquisa encontrou respaldo na Teoria Histórico-Cultural, conforme delineado por Rego (2011), destacando que desenvolvimento humano ocorre por meio de interações sociais e culturais. Esta abordagem foi aplicada na análise dos desenhos infantis, demonstrando como as experiências e a cultura influenciam a representação visual das crianças.

A constatação de que tais produções ganham significado à medida que as crianças adquirem compreensão do mundo evidencia a estreita ligação entre o desenvolvimento infantil e a expressão gráfica.

A problematização levantada - o que os desenhos revelam sobre o processo de desenvolvimento infantil - trouxe reflexões sobre a interação dinâmica entre a criança e sua capacidade de representar e expressar suas ideias, sentimentos e compreensão do mundo. Portanto, o desenho infantil é mais do que apenas um produto estético, é um meio rico de desenvolvimento. Além de revelar a importância do desenho como uma ferramenta que permite que a criança expresse o que está dentro dela, sendo uma linguagem não verbal, livre e espontânea. A ênfase está na liberdade criativa da criança ao se exteriorizar visualmente, usando o desenho como um meio de comunicação emocional e cognitiva.

Posto isso, nessa pesquisa sobre o contexto do desenho infantil, o processo é mais significativo do que o resultado final e em como a criança realiza o desenho, seu envolvimento no processo e até mesmo a possibilidade de falar enquanto desenha são aspectos cruciais. Tendo isso em vista, o desenho é assim encarado como uma jornada expressiva, onde a experiência de criar é tão valiosa quanto a imagem final produzida, conforme Edith Derdyk (2020) ao destacar a visão de que o desenho vai além de ser simplesmente o resultado de uma ação motora.

A perspectiva histórico-cultural de Lev Vigotski proporcionou desenvolver uma breve análise dos desenhos, destacando a importância da interação social e cultural na formação do conhecimento e do pensamento infantil. Esta abordagem enfatiza a influência do contexto social e cultural na formação de ideias e no desenvolvimento humano. Sendo assim, no contexto do desenho, a THC indica que as crianças aprendem e se desenvolvem através da interação com símbolos culturais presentes no ambiente. Portanto, o ato de desenhar é uma expressão simbólica que reflete a cultura em que a criança vive.

Também há o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) aplicada ao desenho, sugerindo que a interação com adultos ou outros pares pode vir a facilitar o desenvolvimento das habilidades artísticas da criança, assim como mostrado na Atividade Reprodutora. Isso porque, o apoio fornecido durante as atividades de desenho pode ser na forma de orientação, incentivo ou colaboração.

Além disso, a THC destaca o papel do desenvolvimento da imaginação e do pensamento abstrato visto que o ato de desenhar permite que as crianças expressem visualmente suas ideias e estimulem habilidades cognitivas, como representação simbólica e organização de pensamentos.

Ao abordar o desenho na Educação Infantil como uma atividade importante para a formação e desenvolvimento da criança, o estudo destacou a contribuição do desenho na construção de significados da expressividade, no desenvolvimento da linguagem visual, na imaginação, na criatividade e na promoção da interação social e para a desenvoltura motora.

Em suma, o presente trabalho trouxe como aprendizado o olhar de pesquisadora para com a infância por meio da produção de desenhos como uma atividade multifacetada que enriquece o desenvolvimento infantil, proporcionando benefícios cognitivos, emocionais, motores e sociais. Essa expressão artística não apenas reflete a criatividade das crianças, mas também contribui para a construção de habilidades essenciais ao longo de seu processo de desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ARTIGAS, João Batista Vilanova. Caminhos da arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Diário Oficial da União, Brasília: 21 dez. 2017.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996

COSTA, Sinara Almeida. MELLO, Suely Amaral. **Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: Conversando com professoras e professores**. Curitiba: Editora Crv. 2017.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Panda Educação, 2020. 160pp

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski**. Caderno Cedes. Campinas, vol 24, n.64-81, abril 2004.

FARIAS, Rhaisa Naiade Pael. **Fundamentos da Educação Infantil: marcos legais, conceitos da teoria Histórico-cultural e práticas com a cultura escrita**. In: Educação Infantil na perspectiva histórico-cultural: concepções e práticas para o desenvolvimento integral da criança. São Carlos: Pedro e João editores. 2020.

FOLQUE, M. A. **O lugar da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural**. In: COSTA, Sinara Almeida. MELLO, Suely Amaral. **Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: Conversando com professoras e professores**. Curitiba: Editora Crv. 2017. p51-63

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A Pesquisa Qualitativa de Abordagem Histórico-Cultural: Fundamentos e Estratégias Metodológicas. In: **30ª Reunião Nacional da Anped**, Caxambu, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/minicursos/ementa%20do%20minicurso%20do%20gt20%20.pdf>. Acesso em 08 mai. 2023

JOBIM, S. (2010). **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Ed. Vozes.

JOBIM S. (2019). **A importância do desenho na educação infantil seguindo a teoria histórico-cultural de Vygotsky**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, 4(10), 109-123.

LONGO, Cristiano da Silveira, NARITA, Stella. **PSICOLOGIA DO DESENHO INFANTIL: UMA PROPOSTA NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL**. 2018

MARTINS, Maria Aparecida Camarano. **Políticas de Currículo para a Educação Infantil**. In: VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. FARIAS; Rhaisa Naiade Pael; MIRANDA, Simão de. (Orgs). Educação Infantil na perspectiva Histórico-Cultural: Concepções e Prática para o Desenvolvimento Integral da Criança. São Carlos: Pedro e João editores, 2020. p45-62.

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo, **O lugar da professora e do professor em uma proposta pedagógica promotora de desenvolvimento**. In: COSTA, Sinara

Almeida.MELLO,Suely Amaral.Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil:Conversando com professoras e professores.Curitiba:Editora Crv.2017 p65-75.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico.**5 ed. São Paulo:Scipione,2010 a.(coleção pensamento e ação na sala de aula).

PINO,Angel.As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev Vigotski.São Paulo.Cortez,2005.

RABELLO, Elaine; Passos, José. SILVEIRA. **Vygotsky e o desenvolvimento humano.** 2011. Disponível em< <http://www.josesilveira.com/artigos/vygotsky.pdf>.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.**22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TEIXEIRA,Sônia Regina,BARCA, Ana paula De Araújo. **Teoria Histórico-Cultural e Educação Infantil: Concepções para orientar o pensar e o agir docentes.**In: COSTA,Sinara Almeida.MELLO,Suely Amaral.Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil:Conversando com professoras e professores.Curitiba:Editora Crv.2017 p29-39.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz.**Apontamentos teóricos sobre educação,cuidado e desenvolvimento de crianças na Teoria Histórico-Cultural.**In:VIEIRA,Débora Cristina Sales da Cruz.FARIAS;Rhaisa Naiade Pael;MIRANDA,Simão de.(Orgs).Educação Infantil na perspectiva Histórico-Cultural:Concepções e Prática para o Desenvolvimento Integral da Criança.São Carlos:Pedro e João editores,2020 p 63-77.

VIEIRA,Débora Cristina Sales da Cruz.FARIAS,Rhaisa Naiade Pael.MIRANDA,Simão de.(Orgs).**Educação Infantil na perspectiva histórico-cultural: concepções e práticas para o desenvolvimento integral da criança.** São Carlos: Pedro e João editores.2020.

VIGOTSKI,L.S. **Imaginação e criação na infância.**São Paulo: Expressão Popular,2018.

_____. **Criatividade e imaginação na infância.** Tradução do russo, introdução e notas de João Pedro Fróis. Lisboa: Dinalivro, 2012. 159p. [Ano da publicação do original 1930].

_____. Imaginación y creación en la edad infantil. 2. ed. Habana : Editorial Pueblo y Educación, 1987.

Winnicott, D. (1982). A criança e seu mundo. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan S. A.